

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



APM E CSVP: PARCERIA DE VALOR



a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLVIII Nº 106
Maio/ 2021

Supervisão Editorial
Marlene Martins Duarte e Claudia Regina Duarte

Reportagem
Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão
Norma Hoffmann e Marlene Duarte

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa
Fotos de projetos apoiados pela APM. No sentido horário, começando do alto à esquerda: na capa – ato pela paz, camisas do bem, anfiteatro São Viça, bibliotecas, Teto, caixa de abelhas e teatro; na contracapa – excursões ao Caraça, coral SVAC, projeto social em creche na Vila Kennedy, encontro dos formandos, jogos vicentinos, SISV, alimentação saudável e revista A Chama. Ilustrações de Marina Barrocas e fotos do arquivo APM

Fotos
Emerson Ribeiro, Norma Hoffmann, Simone Fuss, arquivo CSVP, arquivos de professores e membros da APM, arquivo Rodrigo Carvalho, arquivo André Mucci e capturas de tela

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente
Alline Figueira de Paula

Diretora Vice-Presidente
Ana Roberta Pires Gonçalves

Diretora Secretária
Bernadete de Paula Lou

Diretora Tesoureira
Marucia de Araújo Cabral

Diretor Social
Carlos Pesce Thiré

Representante dos Professores
Daniela de Carvalho Cordeiro

Assistente Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

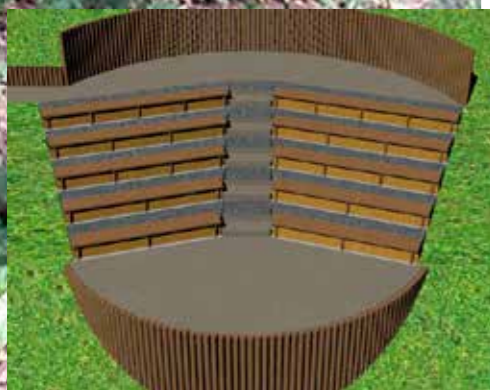
Conselho Fiscal
Efetivos: Bárbara Nascimento Ferreira, Fernanda Figueiras Sauerbronn e Marcio Simões Vellozo Gouveia. Suplentes: Maria Araújo Parreiras, Patrícia Zendron e Simone Coelho Moreira Sampaio

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

ANFITEATRO SÃO VIÇA

Um belo legado da diretoria da APM que se despediu em abril é o projeto do Anfiteatro São Viça, a ser construído numa clareira da mata localizada nos fundos do terreno do Colégio São Vicente. O projeto é fruto de uma demanda dos pais, que gostariam que a área fosse usada num projeto de cunho educacional e de preservação ambiental da escola. Sem derrubar nenhuma árvore e com o replantio das espécies nativas jovens ao redor, o espaço foi idealizado para funcionar como uma sala de aula ao ar livre, permitindo uma completa integração dos alunos com a natureza. O projeto do anfiteatro, todo feito com materiais ecológicos, como eucalipto e bambu, está prontinho, aguardando apenas o ok final da prefeitura para sair do papel. Um presentão da chapa São Viça para todos os vicentinos.



2 **COMO SE FAZ**
A VOLTA (POSSÍVEL)
ÀS AULAS PRESENCIAIS

6 **CAPA**
MUDANÇAS NA ASSOCIAÇÃO
DE PAIS E MESTRES

14 **QUEM CHEGA**
CONHEÇA AS NOVAS
PROFESSORAS DO CSVP

16 **COMO SE ENSINA**
NOVAS PLATAFORMAS
NO EF E NO EM

18 **AÇÃO PEDAGÓGICA**
VICENTINOS LIDERAM
GINCANA DA ONG TETO

20 **TRANSFORMADOR
SOCIAL**
RODRIGO CARVALHO E O
EMPREENDEDORISMO SOCIAL

22 **NOTAS**

24 **ARTIGO**
RAPHAEL KAPA: REFLEXÕES
SOBRE O HOJE E O AMANHÃ

OI, CARO LEITOR

São muitas as coisas que fazem o Colégio São Vicente de Paulo ser tão diferente. Sua comunidade é potente, diversa, engajada. Em todas as instâncias. Há os grêmios para a organização e participação dos alunos, uma associação de professores própria e uma associação de pais. Parcerias fundamentais que ajudam o colégio se manter fiel a si mesmo e a seus princípios.

A Associação de Pais e Mestres, em especial, é uma parceira de longa data. Ela nasceu praticamente junto com a escola, logo no ano seguinte à fundação do São Vicente. Tem voz própria e uma relação de autonomia e interdependência. E agora está sob nova direção.

Nesta edição, fazemos um balanço do que foi o trabalho da direção que agora sai da APM e contamos os planos da turma que entra. Nas páginas da revista, você também vai saber como está a experiência da volta às aulas presenciais, quais são as novas plataformas que estão sendo usadas no ensino remoto e ainda vai conhecer as novas professoras que agora integram a equipe do ensino fundamental.

De minha parte, que cuidei das últimas 12 edições da revista, ao longo dos últimos quatro anos, ao lado de uma equipe competentíssima e de colegas da direção da APM, especialmente Cláudia Duarte e Carolina Ebel, posso dizer que sentirei saudades. Mas já é hora de renovar e ceder o lugar. Obrigada pela companhia até aqui. Agora é hora de seguir apenas como boa leitora.

Até!
Marlene Duarte

VOLTANDO À ESCOLA, DO JEITO QUE É POSSÍVEL

Ano letivo de 2021 está sendo feito com três sistemas: presencial, híbrido e remoto, e o reencontro emocionante dos pequenos



FOTO EMERSON RIBEIRO

“**Q**uem está contente de vir pra escola levanta a mão”. “Pode levantar o pé também? Estou amando esta escola”. A fala espontânea de uma aluna do Fundamental 1, respondendo à coordenadora acadêmica adjunta, Norma Hoffmann, na primeira semana do ano letivo, dá bem a medida do que foi para as crianças voltar às aulas presenciais.

Depois de quase um ano em casa, sem contato com professores e colegas, sem as brincadeiras nas quadras e pátios e tendo aulas pelo computador, a alegria de meninas e meninos era visível no brilho dos seus olhos. Alegria de voltar ou de pisar pela primeira vez no Colégio São Vicente. (Confira alguns depoimentos de alunos do 1º e 2º EF na página ao lado)

“A volta deles foi muito emocionante. O processo de adaptação foi muito tranquilo, nós organizamos um dia exclusivamente para receber os alunos novos. O Fundamental 1 ficou praticamente afastado do espaço físico do colégio o ano inteiro em 2020. É claro que isso provoca um impacto emocional grande nas crianças, já que é um

Maria Clemencia Mora Pereira T 103
Eu me senti feliz no dia em que eu voltei pra escola porque eu não gostava de ficar entediada dentro de casa. Aprender na escola é muito melhor. A gente não precisa só ficar em casa com os pais, pode ver os amigos, a professora. A aula que eu tô gostando mais é a de inglês. Quando eu cheguei eu achei a escola muito grande e bem bonitinha!

Marina Goulart Parada T 205
Desde que começou a pandemia eu falei “será que essa pandemia vai passar algum dia porque eu tô ansiosa pra voltar pra minha sala”. E demorou. Eu tava sentindo mais saudade da quadra, do ginásio e do pátio grande. E dos amigos também. É melhor aprender na escola do que em casa. Dá pra entender melhor. Eu me senti muito feliz de voltar.

Maria Ribeiro dos Santos T 205
Quando eu cheguei na escola de novo eu senti uma felicidade imensa porque fazia muito tempo que eu não vinha pra cá. Eu tava sentindo falta dos estudos, do recreio, dos amigos. É muito ruim estudar em casa pelo computador, porque às vezes a professora fala e a gente não entende nada. Às vezes cai de repente. Aí a gente começa a chorar, fica pra trás, é muito ruim. Agora eu voltei e já fiz amigos novos.

Lucas Seabra Queiroz T 204
Eu já era desta escola desde o ano passado. E tava com bastante saudade dela. No primeiro dia, eu me senti tão feliz de estar na escola de novo! O que eu tava com mais saudade era dos amigos. Eu gosto muito de ciências. Acho que vou ser cientista quando crescer. E aprender aqui é muito melhor do que em casa.



FOTOS NORMA HOFFMANN

Tito Cury Lopes Domingue T103
Quando eu voltei, eu me senti um pouco tímido porque eu tinha me esquecido como era na escola. Mas eu também fiquei feliz porque eu fiz novos amigos. Eu gostei muito da escola, principalmente daquelas pinturas do pátio. Sério que eu também vou poder fazer pinturas no muro? A aula que eu mais gostei foi a aula de música, com a Bebel.

Pedro Monteiro Ramalho T 204
Eu gostei de tudo na escola. Me senti muito feliz no primeiro dia, encontrei os meus amigos, pude conversar mais. Também gostei de ter aula aqui. Aprender pelo Zoom é muito ruim, eu não gostava. Aqui é bem mais legal.

Marina Paiva Campos T 103
No primeiro dia que eu vim pra essa escola, eu achei ela muito legal, muito grande. Eu já conheci a sala e o pátio até agora. E já fiz amigos também. Ter aula em casa é muito chato, tem que aprender pelo computador, não gosto. Eu prefiro vir pra cá porque eu posso ver os amigos. Eu gosto da aula de inglês.

Laila Hasky Pinheiro T 204
No dia que eu voltei pra escola eu me senti muito animada. Eu tava esperando muito esse dia de voltar pra escola. Eu queria ver meus amigos, minha professora. É muuuuito melhor aqui do que no Zoom. Lá a gente fica parado na frente de uma tela. Aqui a gente vê as pessoas de verdade.



FOTOS EMERSON RIBEIRO

No alto, os alunos do 1º EF correndo no pátio durante o recreio; ao lado, o lanche em sala do 2º EF; e acima, a mesma turma comprando lanche com o Alemão no carrinho do corredor. Na página ao lado, o recreio do EM

segmento que precisa muito do acompanhamento presencial, a socialização é muito importante nessa faixa etária, a construção de alguns conceitos de vida em grupo é feita no ambiente escolar, então eles foram bastante prejudicados com essa ausência, principalmente os alunos dos primeiros anos”, disse Norma.

Por isso, explicou, o colégio tomou a decisão de oferecer a possibilidade de eles frequentarem diariamente a escola. “Há um investimento bastante grande nesse segmento, e tem sido particularmente gratificante ver o sorriso deles, ainda que por trás das máscaras”, acrescentou.

Presencial, híbrido e remoto

A volta às aulas neste primeiro semestre de 2021 está funcionando com três sistemas: presencial, híbrido e remoto. Há um sistema exclusivamente presencial, para os 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, em que todos os alunos têm a possibilidade de vir à escola todos os dias. Os alunos dessas séries cujos responsáveis optaram por não enviar os estudantes ao colégio têm aulas remotas, exclusivamente. Esse grupo constitui uma turma à parte, com uma professora só para eles, e também um planejamento diferenciado, com o tempo de aulas diárias a distância mais reduzido do que o presencial. A partir de abril, após uma avaliação de que já seria possível aumentar o período de aulas, foram introduzidas disciplinas complementares, estendendo o tempo em cerca de 40 minutos. “Vale lembrar que, a qualquer momento, por meio de solicitação por um formulário, esses alunos podem passar para o sistema presencial, aguardando apenas um período de análise de uma semana, para dar início à mudança”, explicou Norma Hoffmann.

Os 3º, 4º e 5º anos estão no sistema híbrido e, a partir de uma enquête realizada junto às famílias, com revezamento semanal. Houve a opção de que em uma semana viesse o grupo A, na outra, o grupo B, e assim eles vão se revezando, com o grupo que está em casa tendo aulas on-line. Há uma transmissão diretamente das salas de aula e, no caso do Fundamental 1, uma redução no tempo de tela. O 5º ano tem a transmissão em tempo integral. Também nestas séries, há a possibilidade de ensino exclusivamente remoto,

por opção, e, neste caso, a aula é transmitida pela internet, com o auxílio de uma monitora.

O mesmo está valendo para o Fundamental 2 e o Ensino Médio: sistema híbrido, com transmissão das aulas para os que estão em casa, tanto para os que fazem o revezamento semanal quanto para os que optaram pelo ensino exclusivamente remoto. A diferença em relação aos primeiros segmentos é que a mesma aula que os alunos assistem na sala é transmitida com o tempo completo de aula, em função da faixa etária e de suas características cognitivas e de amadurecimento, sem a necessidade de uma terceira pessoa para auxiliá-los nos acessos ou acompanhá-los durante as aulas.

Duplicação de professores

No caso do 1º e 2º anos do Fundamental 1, as turmas foram divididas e transformadas em novas turmas. Houve um grande investimento do colégio para isso, com duplicação de professores. Dependendo da metragem da sala, as turmas têm de 12 a 18 alunos no máximo, de maneira a manterem a distância estabelecida nos protocolos sanitários e de biossegurança.

Segundo a coordenadora, está sendo feita uma adaptação bastante gradual da utilização dos espaços ao ar livre, para que se dê de forma segura. “Já começamos os ensaios com os recreios e as aulas de educação física. Solicitamos aos professores, em especial do Fundamental 1, de artes e música, que possam utilizar os espaços ao ar livre, naturalmente com o cuidado do não compartilhamento de materiais”, afirmou Norma.

E como tem sido a resposta da comunidade escolar? E é mais uma vez ela quem responde: “De modo geral, consideramos a resposta boa, embora, naturalmente, o desencontro das medidas governamentais, as avaliações frequentes dos cenários externos e internos, inclusive nos levando à suspensão das aulas em um momento em que havia relato de um grande número de situações em que o protocolo exigia afastamento, deixaram algumas famílias inseguras quanto ao retorno. Atualmente, com exceção do 1º e do 2º anos do Fundamental I, temos um número significativamente reduzido de alunos frequentando as aulas de modo presencial. A utilização do sistema híbrido tem, portanto, na medida do possível, atendido as situações variadas que surgem, nos levando a buscar maior aperfeiçoamento a cada dia”.

“HÁ UM INVESTIMENTO GRANDE NOS ALUNOS DOS PRIMEIROS ANOS, E TEM SIDO GRATIFICANTE VER O SORRISO DELES, AINDA QUE POR TRÁS DAS MÁSCARAS.”

NORMA HOFFMANN





SOB NOVA DIREÇÃO

Recém-eleita, chapa Inspiração Vicentina substitui gestão São Viça à frente da Associação de Pais e Mestres

Ela já é uma senhora de mais de 60 anos, mas continua ativa, potente e cheia de planos. Estamos falando da Associação de Pais e Mestres, que tem nova diretoria, empossada no início de abril. Reunidos na chapa Inspiração Vicentina, os novos eleitos vêm cheios de gás para dar continuidade à sua missão: servir como elo entre o colégio e as famílias, apoiando e financiando projetos pedagógicos, sociais e culturais, sempre em consonância com o Projeto Político-Pedagógico do São Vicente. A gestão São Viça, que agora se despede, deixa como legado um esforço de comunicação e de incentivo à maior participação dos pais na entidade. Aqui ela faz um balanço de sua atuação, enquanto a nova diretoria fala de seus planos à frente da APM. Obrigado, São Viça! Bem-vinda, Inspiração Vicentina! Bom trabalho!



Os membros da nova diretoria. No alto, da esquerda para a direita, Alline, Bárbara, Carlos e Ana Roberta; no meio, Fernanda, Daniela, Patrícia, Simone e Marcio. Embaixo, Maria, Panizzi, Bernadete e Marucia

ENTREVISTA: ALLINE FIGUEIRA DE PAULA E ANA ROBERTA PIRES GONÇALVES - CHAPA INSPIRAÇÃO VICENTINA

Gostaria de começar pedindo para vocês apresentarem os integrantes da nova diretoria da APM, dizendo o nome de cada um, o cargo que ocupa e a série do filho ou filha no Colégio.

Ana Roberta – Nós somos na Diretoria Alline Figueira de Paula, presidente, 3º EF; Ana Roberta Pires Gonçalves, vice-presidente, 4º EF; Marucia de Araújo Cabral, diretora tesoureira, 3º EM; Bernadete de Paula Lou, diretora secretária, 3º EM; e Carlos Pesce Thiré, diretor social, 1º e 2º EM. No Conselho Fiscal, temos como membros efetivos: Bárbara Nascimento Ferreira, 2º EF; Fernanda Filgueiras Sauerbronn, 3º EM; e Marcio Simões Vellozo Gouveia, 2º EF. E como suplentes do Conselho estão: Maria Araújo Parreiras, 2º e 6º EF; Patrícia Zendron, 3º, 4º e 7º EF; e Simone Coelho Moreira Sampaio, 3º EM. A APM conta ainda com o secretário Edevino Panizzi, a representante dos professores Daniela Carvalho e o representante eclesial Padre Agnaldo de Paula, o Diretor do CSVP.

Chama atenção que de todas essas pessoas, apenas uma, a Bernadete, vem da Diretoria anterior, os demais são todos novatos. O trabalho na APM é voluntário e é conhecida a dificuldade de os pais participarem mais ativamente da associação. O que motivou vocês a se candidatarem a este mandato, ainda mais no meio de uma pandemia quando todos estão tão atribulados?

Alline – Essa era uma fala frequente nas reuniões da APM: que os pais pouco se envolviam com a associação. O ano passado foi muito atípico para a vivência escolar, o acesso ao colégio e à convivência, mas havia pais que, mesmo assim, tinham vontade de contribuir com essa parceria com o São Vicente. É uma parceria antiga, de 60 anos. A minha busca pessoal pelo colégio passou por esse seu caráter humanista, de formação do senso crítico e criativo, que teve sempre um envolvimento grande da APM em sua dinâmica. Então eu senti vontade de participar mais, mas foi um movimento coletivo. Fomos convidando os outros pais, nos quais sentíamos a mesma vontade, manifesta nos grupos de WhatsApp e em conversas. Foi um movimento fluido. Os poucos que recusaram o convite foi ou porque seus filhos já estavam saindo do colégio ou porque estavam superatribulados por causa da pandemia. Mas, a Ana, por exemplo, é da área de saúde, está sem tempo para nada e mesmo assim topou. O grupo é maravilhoso, pé no chão e muito proativo.

Ana Roberta – Eu trabalho com saúde mental, sou psicóloga de formação, e com gestão em saúde pública, com saúde das mulheres, na Secretaria Estadual de Saúde, duas áreas super atingidas pela pandemia. Mas, quando fui convidada pela Alline para participar da chapa, não tive como recusar. Acho que foram dois movimentos propulsores desse ajuntamento do grupo que formou a chapa Inspiração Vicentina. O vídeo dos 60 anos do colégio, no momento que o país estava atravessando, reverberou muito entre os pais, muitos de nós ex-alunos também, como eu, querendo manter vivo esse espírito vicentino. Foi muito contagiante. E os debates nos grupos criados no WhatsApp, naquela crise das demissões, no final de 2019, também foram muito equilibrados e calçados nesse espírito. Ainda hoje, mesmo com as divergências sobre abrir ou não a escola, as características do debate vêm muito com essa marca dos valores vicentinos.

“QUEREMOS DAR CONTINUIDADE E REFORÇAR OS PROJETOS, MAS TAMBÉM OUVIR OS RESPONSÁVEIS PARA NOVAS PROPOSTAS DE AÇÕES E PROJETOS PARA A APM, DEBATER SUSTENTABILIDADE, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO.”

ALLINE FIGUEIRA DE PAULA

Como vocês pensam a relação da APM com a escola?

Alline – Eu acho a APM, como qualquer associação de pais e mestres, uma conquista muito valiosa como espaço democrático para o colégio. Neste grupo que formamos existe uma vontade de apoiar os programas que existem. As pessoas se identificam com os projetos apoiados historicamente pela APM e o colégio. Eu vejo uma relação saudável, aberta, a gente não conhece ainda a rotina de trabalho, mas acho que o intuito de todos é aproximar essa comunidade, formada pela direção, a coordenação e os responsáveis nesse veio de projetos que a APM promove. Acho que é um grande privilégio ter essa associação ainda cuidada com tanto zelo e carinho.

Ana Roberta – Acho importante manter os canais abertos e a aproximação entre os pais e o colégio. Pensei na palavra ponte, que acho uma boa imagem. Não dá para deixar morrer esse canal. E todos foram muito acolhedores, desde a nossa chegada, no início de abril, nessa relação com a escola. Ainda estamos fazendo essa transição.

Vocês estão assumindo a direção da APM numa época em que se impõe o distanciamento social para conter a disseminação do vírus da Covid. O que vocês esperam fazer? Contem um pouco das propostas e projetos desta Diretoria para o próximo biênio da APM.

Alline – Eu diria que a escuta foi uma das motivações maiores desse grupo. Não que ela não existisse, mas uma época como a que a gente atravessa exige a ampliação desses canais. Queremos dar continuidade e reforçar os projetos, mas também ouvir os responsáveis para novas propostas de ações e projetos para a APM, debater sustentabilidade, diversidade e educação. Nós buscamos na composição desta chapa ter membros de todos os segmentos de ensino – pais e mães do Fundamental 1 e 2 e também do Ensino Médio – porque notamos que são muitas as especificidades de cada um deles na hora de fazer esse diálogo entre responsáveis e o colégio. São questões, angústias e propostas diferentes, dependendo do ciclo que está sendo vivenciado dentro do colégio, então entendemos que todos deveriam estar representados. Claro que o momento prejudica a vivência, fazer atividades apenas on-line é um

Ana Roberta – Num primeiro momento, a ideia principal é a da escuta mesmo, tentar manter a aproximação das famílias com a escola, e também manter contato com a diretoria anterior no sentido de dar continuidade ao que vinha sendo desenvolvido. Ver como a gente pode agir neste cenário de pandemia para dar seguimento aos projetos já existentes e também para criar outros novos, trazendo uma marca nossa, tendo esse acolhimento como foco. Um dos temas que a gente debate muito também é a questão da sustentabilidade e de como podemos trazer isso para a vivência da escola. Isso já está dentro do cotidiano dos alunos, mas queremos aprofundar essa vivência, com reciclagem e coletas diversas, como a das tampinhas, expandindo esse conceito de sustentabilidade num grande guarda-chuva, que abarque também as relações, como preconizado pelos valores vicentinos.

Que mensagem vocês gostariam de deixar para a comunidade escolar nesta chegada?

Alline – Sabemos que os desafios pela frente são enormes. Estamos todos com muitas atribuições, com trabalho, casa, crianças, alguns de nós com pais e também bichos para cuidar..... Então, assumir esse trabalho é uma coragem, é uma doação para um trabalho voluntário, mas é também um ato de muito amor. Uma dedicação que está relacionada a esses valores que a Ana mencionou, de humanismo, de empatia, de afeto que o colégio transborda, e que aliados à formação política, de cidadania,

crianças, alguns de nós com pais e também bichos para cuidar..... Então, assumir esse trabalho é uma coragem, é uma doação para um trabalho voluntário, mas é também um ato de muito amor. Uma dedicação que está relacionada a esses valores que a Ana mencionou, de humanismo, de empatia, de afeto que o colégio transborda, e que aliados à formação política, de cidadania,

que verdadeiramente ajuda a forjar esse indivíduo que é transformador social, nos dá essa inspiração. Daí o nome da nossa chapa – Inspiração Vicentina. Eu gostaria de compartilhar, então, um trecho de uma música que a minha filha está ensaiando no coral de que participa, que diz muito do que pensamos: “Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança, ele vem pra me dar a mão. (...) Ele me fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir: amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor”. Então, com toda a dureza que estamos vivendo, conseguimos juntar as forças para seguir com esse movimento, com esse espírito. Esperamos poder contribuir.

**Bola de meia, bola de gude, música de Milton Nascimento e Fernando Brant*

enorme desafio, mas é também fundamental manter essa escuta, em termos de conforto, dar uma vivência vicentina aos pais, mesmo que remota. Então, pretendemos dar continuidade e reforçar as rodas de conversa com temas pertinentes de epidemiologia no convívio escolar, de saúde mental, que representa uma encruzilhada, para todas as idades, e mesmo lazer remoto, achamos que podemos trabalhar também. Isso além das atividades artísticas, como o coral, o teatro, ver com os grupos como podemos levar isso para toda comunidade escolar, porque o isolamento e a angústia são muito grandes. Com a volta do convívio presencial, pretendemos implementar uma horta orgânica, um projeto de visita a museus, placas solares, concursos literários, incentivar coletivos... mas acho que ainda temos algum chão no remoto.

ENTREVISTA: SIMONE FUSS E CARLOS MACHADO - CHAPA SÃO VIÇA

O mandato da chapa São Viça chega ao fim neste primeiro bimestre de 2021, depois de uma reeleição e mais dois biênios com alguns de seus integrantes participando da diretoria anterior, num total de oito anos à frente da Associação de Pais e Mestres. Como vocês avaliam essa continuidade na gestão da entidade?

Simone – Acho que essa continuidade nos fortaleceu enquanto grupo. A experiência que a gente tem é que quando uma chapa se forma, nós somos pais com objetivos comuns, mas estranhos uns aos outros. E demora mais ou menos um ano para começar a haver uma afinização e a diretoria eleita de fato conseguir pôr em prática sua agenda. Quando há pessoas antigas, esse tempo de adaptação é menor. No nosso caso, foi muito importante, por exemplo, a experiência que a Neusa trouxe de outras gestões, sem falar no secretário, Panizzi, que conhece todos os meandros da Associação e facilita muito o nosso trabalho.

Caco - Isso é verdade, mas cada diretoria, mesmo que alguns de seus integrantes tenham participado de gestões anteriores, como foi o caso da Simone, que foi vice-presidente do Diniz, acaba tendo que descobrir caminhos próprios, porque novas situações vão surgindo. É importante haver continuidade e rotatividade, mas cada gestão é sempre única, com novas oportunidades e caminhos.

Com relação aos dois últimos biênios, em que a chapa São Viça esteve à frente da APM, quais foram os principais desafios que vocês enfrentaram?

Caco - Nós tivemos grandes desafios nessas duas últimas gestões. Um deles foi o episódio da bala perdida que atingiu o bebê no colo da mãe no pátio do colégio, em maio de 2018. Ele marcou um momento importante de mobilização conjunta de toda a escola, que culminou no ato pela paz, promovido pela APM, com a Associação de Professores, Direção e Coordenações do São Vicente. E nos ajudou a criar as condições necessárias para outras mobilizações importantes que vieram depois, dentre elas a reação ao ataque aos professores, no contexto das discussões da escola sem partido, tentando cercear a atuação dos professores do colégio, que sempre teve o debate de temas centrais da contemporaneidade como um valor muito importante. Com isso, nós fizemos uma assembleia e produzimos uma carta que mobilizou a comunidade e foi muito inspiradora

para outras escolas. Um outro momento foi o da demissão de diversos professores no final do ano seguinte. Novamente a APM não podia deixar de se mobilizar na defesa deles, inclusive com o apoio total dos alunos e de vários segmentos da escola, marcando nossa divergência quanto à maneira com que essas demissões foram efetuadas e também marcando a diferença do nosso lugar. Nós somos uma associação de pais e mestres, não um anexo da direção da escola. Esses desafios, então, ajudaram a fortalecer a APM e seu lugar de parceria e não de subordinação.

Simone - Acho importante destacar também que, apesar das divergências, nós sempre andamos junto com a escola, não fomos para o embate. No episódio da demissão dos professores, tivemos várias reuniões com a direção, até às vésperas do Natal, com o comitê de crise que se formou então, buscando juntos a melhor solução para lidar com o problema. Nós agimos com inteligência porque no embate não iríamos chegar a lugar nenhum. A escola reconheceu o nosso lugar de representação, de fato e de direito, e passou a nos olhar de outra forma e a nos consultar em outros momentos de crise, como ocorreu no ano passado em função da Covid. Essa parceria com o colégio foi a nossa maior conquista.

Das propostas originais da chapa, quais vingaram e foram bem-sucedidas e quais não foram adiante e por quê?

Simone - A grande preocupação nossa era a APM ser visível para os pais, que até então só nos procuravam quando tinham um problema específico do seu filho ou filha com a escola. Apesar de o estatuto da associação determinar a realização de assembleias, isso nunca acontecia. Esta

“ESTA DIRETORIA TEVE A MISSÃO DE MELHORAR A COMUNICAÇÃO COM OS PAIS, VISANDO A MAIOR PARTICIPAÇÃO DELES NA APM.”

SIMONE FUSS

diretoria, então, teve a missão de melhorar a comunicação com os pais, visando a maior participação deles. Assim, nós instituímos que haveria pelo menos duas assembleias por ano com os pais, para ouvirmos sugestões deles quanto aos encaminhamentos da associação. A primeira delas, logo depois do episódio do tiro, teve um quórum maravilhoso, e a APM ficou mais visível. Depois, houve um incidente com um aluno, que foi assaltado perto da escola, e eu comecei a participar do Conselho de Segurança da cidade, solicitei uma melhora no policiamento da região,

e conseguimos que uma dupla de PMs passasse a vigiar as proximidades da escola. Tudo, por conta da demanda dos pais. Depois vieram as rodas de conversa, com temas de grande interesse, como inclusão, alimentação saudável e outros, com a presença de profissionais de destaque nessas áreas. O quórum desses encontros, no entanto, foi baixo, o que nos decepcionou bastante, já que o pedido tinha vindo dos próprios pais. Outra iniciativa nossa, visando a maior participação dos responsáveis na entidade, foi a criação do que chamamos de pais de referência. Cada turma teria um pai ou mãe que iria se reportar a nós, fazendo essa ponte com a escola, para que a nossa comunicação ficasse mais ágil. Criamos também grupos no WhatsApp de informes para os pais, além de uma caixa de sugestões, colocada perto da entrada, para os pais que quisessem colaborar. Então, acredito que a comunicação da APM com os pais avançou bastante nessas gestões.

Caco - Eu tenho uma visão um pouco diferente. Esta diretoria é formada por pessoas mais velhas, que usam

“NÓS SOMOS UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES, NÃO UM ANEXO DA DIREÇÃO DA ESCOLA.”

CARLOS MACHADO

junto com o colégio, de projetos sociais em que os alunos pudessem se envolver mais diretamente, tanto alunos do Fundamental quanto do Ensino Médio. Nós participamos do projeto de construção das casas do Teto, foi uma iniciativa sensacional, e faríamos de novo, mas não era um projeto nosso. Eu acho que teria sido importante, e espero que as próximas gestões abracem essa ideia, a APM desenvolver projetos sociais e ambientais que deem uma maior coerência de aprendizado de conteúdos e de trabalho prático no processo formativo da própria escola.



as redes sociais, mas que não têm isso como seu forte. Na comunicação, nós pensamos na urna (caixa de sugestões), estávamos avançando na ideia de ter pais que fossem referência para determinados segmentos, no início do ano letivo passado começamos a fazer a eleição desses nomes, mas aí veio a pandemia e o processo foi interrompido. A ideia era superbacana, mas não conseguimos avançar. Já outros fóruns de discussão, em grupos de WhatsApp, como o de pais pela democracia, por exemplo, não são muito nosso perfil, porque acho que as discussões precisam ser aprofundadas e o veículo não é próprio para isso. Eu gostaria que nós tivéssemos avançado mais em algumas estratégias de comunicação, como as rodas de conversa, que seriam fundamentais para engajarmos mais os pais nas discussões dos temas que atravessam a escola. Essa seria uma conexão importantíssima, mas infelizmente teve pouca adesão. O segundo aspecto em que não conseguimos avançar, apesar de termos discutido muito, foi a criação,

Com relação a projetos específicos realizados, quais vocês destacariam?

Simone - Um ponto a se destacar é que esta APM se voltou mais para dentro do Colégio e do seu público. Nos focamos principalmente na ajuda ao trabalho dos professores, dos funcionários e dos alunos. Realizamos e participamos de vários projetos. O projeto “Camisas do Bem” foi muito bem-sucedido. Nós compramos as camisas do uniforme e vendemos a preço de custo, para ajudar os funcionários e os alunos bolsistas, que também ganharam material escolar. Fizemos o projeto dos brinquedos de antigamente, também muito legal. São caixas com corda de pular, amarelinha, jogos de tabuleiro para as crianças usarem na hora do recreio. Promovemos curso de fotografia para os alunos da EJA, com o fotógrafo Thiago Ripper, um dos criadores do coletivo Favela em Foco, que se integrou muito bem na escola. De projeto social envolvendo os alunos, além

do Teto, nós também apoiamos o Sementes do Amanhã, em que alunos do Fundamental 2 visitaram e receberam a visita de crianças do Projeto Social Santa Maria, do Colégio Imaculada Conceição, também do ramo vicentino.

Um projeto muito caro para nós, que infelizmente não conseguimos pôr em prática, apesar dos nossos esforços, foi o do anfiteatro na mata. O projeto está todo pronto, com o dinheiro separado para ele, mas a prefeitura ainda não o liberou por problemas burocráticos. Nós não vamos conseguir implementá-lo, mas vamos deixá-lo pronto e como um legado para as próximas administrações. Esperamos que ele tenha continuidade, porque é um projeto maravilhoso e que hoje, sobretudo, seria perfeito para aulas ao ar livre, com ventilação, conforto e segurança para as crianças e os professores, sem derrubar uma única árvore.

Qual foi a principal marca desta Diretoria e que legado vocês deixam para a próxima?

Simone - Acredito que esse esforço de comunicação e de incentivo à maior participação dos pais foi uma marca forte nossa. Nós conseguimos tornar a APM mais visível, o que redundou num maior interesse de participação dos pais na associação, a ponto de se formar uma nova chapa para a diretoria nesta eleição. Foi a primeira vez em oito anos que não foi preciso ir atrás de pessoas para compor uma chapa. Um fato interessante a se destacar é que nós não paramos de trabalhar durante a pandemia de Covid-19. Nós mantivemos nossas reuniões e convidamos os pais a participar delas. E talvez as questões colocadas pela pandemia, junto ao fato de não precisarmos nos deslocar para as reuniões, que eram feitas on-line, resultaram num número maior de pais participando dessas reuniões. O nosso primeiro encontro depois da chegada do novo coronavírus foi uma comoção. Foi uma reunião de colo, de abraço mútuo, pelo sofrimento pelo qual todos nós igualmente estávamos passando. Todos os pais estavam precisando disso. Ao longo de todo o ano de 2020, nós mantivemos nossas reuniões e estreitamos o relacionamento com os pais. Com isso, acredito que muitos deles se sentiram motivados a dar continuidade a esse trabalho à frente da APM. É trabalhoso, não remunerado, mas é apaixonante e vale a pena, porque todos nós amamos a escola.

Caco - Desde o começo da pandemia, nós nos colocamos à disposição do colégio. Facilitou o fato de dois dos membros da APM serem também da Fiocruz, e um deles, no caso eu, estar diretamente ligado à resposta à pandemia. Isso ajudou a dar suporte e confiança à escola nas suas ações. Tanto que na nossa última reunião presencial, em fevereiro do ano passado, eu já vinha alertando que era preciso a escola se preparar porque fechamentos iriam ocorrer, como já estava acontecendo na China e atingindo aos poucos outros países. Ao longo do ano, nós fizemos reuniões com os pais, por segmento, mais para ouvi-los e acolhê-los, sobretudo, e para ajudar na busca de uma solução comum

para o colégio como um todo. Porque nós tínhamos desde pais que queriam o retorno das aulas presenciais, por conta da dificuldade dos filhos com o ensino remoto e o isolamento, e outros que não queriam que os filhos saíssem de casa de jeito nenhum, com medo da Covid. Esse movimento de escuta coletiva, onde um pôde ouvir o outro, foi muito importante no sentido de criar um ambiente positivo na escola para o enfrentamento da pandemia.

Uma nova diretoria assume agora a Associação de Pais e Mestres. Como foi o processo sucessório e o que vocês esperam dos novos diretores?

Caco - Quando nós lançamos a ideia dos pais de referência, já era pensando também na necessidade de renovação da APM. Era preciso trazer pessoas novas para a associação. A proposta de elegermos pais de referência em cada turma, além de melhorar a comunicação da APM com os pais e a escola, tinha como pano de fundo estimular o surgimento de novas lideranças que pudessem assumir a direção da entidade. Em certo sentido, isso deu certo, porque eles se mobilizaram, se organizaram e criaram uma chapa para disputar a eleição, que acabou sendo chapa única. A minha expectativa é que essa nova diretoria possa se colocar firmemente nesses dois lugares, que são complementares em uma associação de pais e mestres: o da autonomia e

“A MINHA EXPECTATIVA É QUE ESSA NOVA DIRETORIA POSSA SE COLOCAR FIRMEMENTE NESSES DOIS LUGARES, QUE SÃO COMPLEMENTARES: O DA AUTONOMIA E O DA INTERDEPENDÊNCIA.”

CARLOS MACHADO

o da interdependência, porque ela tem identidade própria mas também deve ser parceira da escola. É um equilíbrio delicado manter isso, mas é muito importante. Um segundo aspecto é poder avançar em fortalecer os laços dos pais com o colégio no sentido de que isso propicie dar um salto de qualidade nos projetos que têm a ver com o Projeto Político-Pedagógico do São Vicente, os projetos sociais e ambientais. O anfiteatro na mata é um exemplo desses projetos. O terceiro ponto é que eles possam trabalhar coletivamente, como grupo, criando espaços de encontro que favoreçam essa integração dos membros da diretoria. Nós fizemos isso e nos ajudou muito. Isso é fundamental para uma boa gestão da APM, porque há momentos prazerosos e tranquilos e outros tensos e trabalhosos, que só podem ser bem enfrentados com um grupo forte.

COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE ESTAR À FRENTE DA APM?

“Uma das experiências mais marcantes que eu tive dentro da APM foi acompanhar uma visita de alunos do Ensino Fundamental a uma creche de crianças carentes que funciona dentro do Colégio Imaculada Conceição, também de origem vicentina. Alunos entre 12 e 14 anos organizaram um lanche e uma tarde com contação de histórias e brincadeiras para crianças de 3 a 5 anos. Esse projeto, “Sementes do Amanhã”, é uma pequena mostra de como o São Vicente se preocupa com a formação tanto humana quanto acadêmica de seus alunos. É um privilégio poder construir com a APM esse e tantos outros projetos.”

Bernadete Lou



Entrei como Voluntária para a APM no ano seguinte ao que meu filho entrou no Colégio São Vicente de Paulo. Foram 5 gestões, 10 anos de muito aprendizado. A voz que é dada aos Pais pelo Colégio é um privilégio! Conheci pessoas maravilhosas ao longo da jornada .. todos voluntários com o mesmo desejo: cuidar com amor e respeito da comunidade vicentina. Para isso trabalhamos em inúmeros Projetos, Campanhas de Prevenção na Área da Saúde, Programas de Alimentação Saudável Escolar, até Projeto Arquitetônico de construção de Anfiteatro na Mata do Colégio deixamos pronto para ser finalizado. Foi uma grande honra pra mim.. levarei a APM no meu coração vida afora. Obrigada a todos que fizeram parte deste caminho. A APM é entranha do colégio São Vicente de Paulo! Que continue assim!

Neuza Miklos



A oportunidade de conhecer mais os desejos dos pais e alunos, de poder contribuir com ideias para projetos que atendam o PPP da escola, de participar das reuniões do conselho pedagógico do Colégio e das reuniões mensais da APM em conjunto com a diretoria do csvp constituem 4 anos de muito aprendizado e satisfação pessoal. Com certeza, nesse trabalho voluntário que mais recebe somos nós, os pais.

Renata Guimarães



Muito orgulho de fazer parte desse grupo e do trabalho que construímos com a direção e os educadores da escola em prol da comunidade vicentina.

Vania Araújo



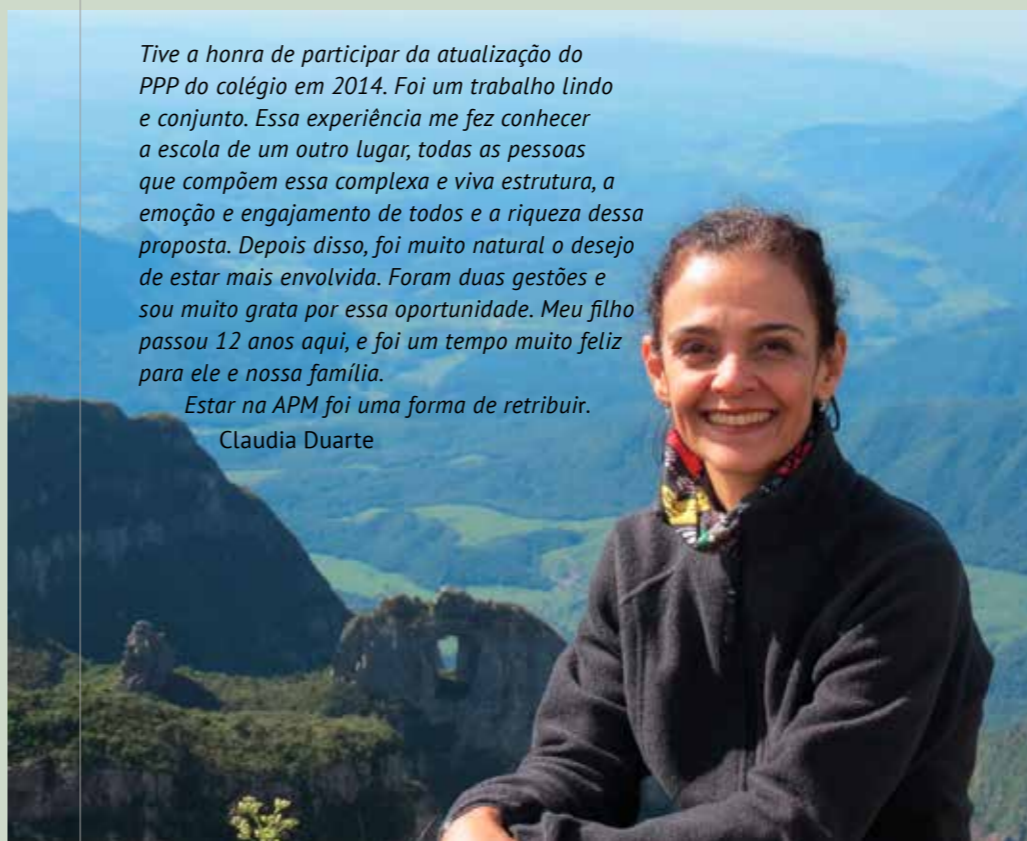
Participar da APM nesses dois últimos anos me trouxe vários aprendizados. Primeiramente, pude confirmar, na prática, que nossa escola é realmente um espaço e um projeto construído de modo coletivo, do qual somos parceiros e que, justamente por isso, nos cabe defender! Em segundo lugar, as crises que enfrentamos, como associação, nesse período (em fins de 2019 e a pandemia), me fizeram refletir sobre como as adversidades podem nos tornar, ao mesmo tempo, mais corajosos e mais humildes, cientes de nossas fortalezas mas também de nossos limites. Acima de tudo, compartilhar com o grupo da APM os desafios que vivemos reforçou minha convicção de que o melhor da vida são os afetos que trocamos e que nos impulsionam a seguir adiante. Tudo isso aviva a esperança e nos dá coragem para seguir adiante, sempre com o São Vicente no coração.

Simone Kropf

Tive a honra de participar da atualização do PPP do colégio em 2014. Foi um trabalho lindo e conjunto. Essa experiência me fez conhecer a escola de um outro lugar, todas as pessoas que compõem essa complexa e viva estrutura, a emoção e engajamento de todos e a riqueza dessa proposta. Depois disso, foi muito natural o desejo de estar mais envolvida. Foram duas gestões e sou muito grata por essa oportunidade. Meu filho passou 12 anos aqui, e foi um tempo muito feliz para ele e nossa família.

Estar na APM foi uma forma de retribuir.

Claudia Duarte



Quando estudante, meu sonho era criar um grêmio no colégio. Já naquela época, olhava com admiração um outro colégio que, do lado de lá do túnel, permitia que seus alunos saíssem em manifestações de dentro de seus próprios muros, realidade bem diferente da que eu vivia. Eu nem poderia imaginar que os anos se passariam e seria ali, naquele colégio, que meus filhos viriam a estudar. Se não pude participar do grêmio em minha juventude, fui então participar da Associação de Pais. Entrei ao levar um projeto que tinha como objetivo ensinar programação a alunos do ensino fundamental. Foram três gestões de muito trabalho e aprendizado constante. Ao longo desse período, estive à frente da Revista A Chama, onde pude conhecer ainda mais a fundo o trabalho realizado pela escola. Em resumo: uma alegria, um privilégio, uma experiência que levarei sempre comigo. Que sejamos todos, sempre, agentes de transformação social.

Marlene Duarte

Ser o professor representante na Associação de Pais é um desafio, não só pelo fato de estar representando a minha classe, como por ser responsável pelo contato entre a Associação de Professores e a APM. Através da nossa convivência fiquei conhecendo os projetos desenvolvidos por eles, e que não são poucos, e o carinho e dedicação que têm por amor ao Colégio São Vicente de Paulo. Foram muitas reuniões, pesquisas e trocas de opiniões que tinham como propósito um São Vicente cada vez melhor. Muito me honra ter participado dessa diretoria e com eles ter contribuído para um Colégio que é referência na formação de cidadãos e agentes de transformação social.

Ivone Vieira – professora de Inglês do 6ºano



A NOVA PRATA DA CASA

Colégio tem oito novas professoras em seus quadros, todas no Ensino Fundamental

Desde o ano passado, o Colégio São Vicente de Paulo tem oito novas integrantes no seu quadro de docentes. O 1º ano do Ensino Fundamental ganhou quatro professoras novas, o 2º, duas e o 3º ano, uma. Uma nova professora de inglês para o 9º ano completa o rol das novatas. Confira quem são elas.

Carolina Ribeiro, professora regente da turma 102, já tinha formação pelo antigo Magistério e trabalhava como professora quando se graduou em Pedagogia, em 2007, pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Ela conta que vem de uma família de professores, e que para ela esse sempre foi seu caminho natural de profissão. Para Carolina, o que se destaca no São Vicente é o fato de ser uma escola acolhedora, que ouve sua comunidade e vive seu Projeto Político-Pedagógico na prática.

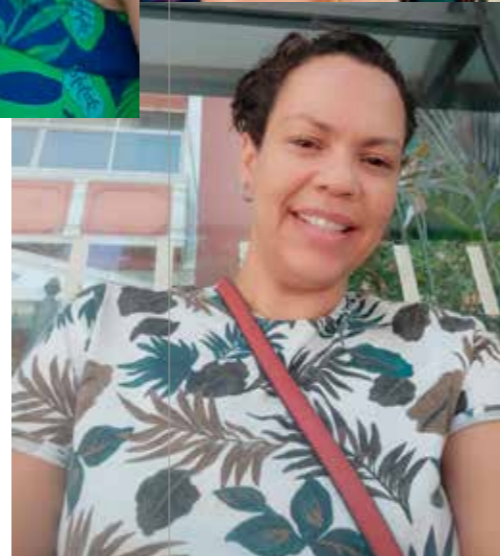
Professora regente da turma 104, Márcia Leão Prado formou-se em Pedagogia na Universidade Estácio de Sá, em 2004. Com praticamente toda a família envolvida com a prática de ensino, ela lembra que sempre foi fascinada pela educação, especialmente pela alfabetização, por ser a porta de entrada para o mundo letrado. Segundo ela, fazer parte desse processo na vida das crianças é uma dádiva. Márcia ressalta que o principal diferencial do colégio é o fato de sua filosofia e prática caminharem de mãos dadas, favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos. “É prazeroso fazer parte dessa comunidade”, diz.

Com ela concorda a professora regente da turma 103, Marina Paúra, atualmente em licença-maternidade. Para ela, trabalhar no São Vicente é maravilhoso. “É uma escola que enxerga os alunos individualmente, zela pelos seus funcionários e apresenta uma proposta de formação humana, formando cidadãos críticos.” Formada em 2014 em Pedagogia pela UERJ, e com pós-graduação em Psicopedagogia e Neurociência, além de outra pós em Alfabetização e Letramento em vias de finalização, ela relata que lecionar em meio à pandemia não tem sido simples. O emocional dos alunos tem estado prejudicado por não poderem ter muito contato físico com seus pares, e, segundo Marina, isso afeta diretamente a prática de ensino.

“A escuta, COMO professora, deve respeitar o que essa criança está trazendo para a aula, propondo o interesse por assuntos do cotidiano e valorizando o conhecimento de mundo dos alunos”, diz.

“A ESCUTA, COMO PROFESSORA, DEVE RESPEITAR O QUE A CRIANÇA ESTÁ TRAZENDO PARA A AULA, PROPONDO O INTERESSE POR ASSUNTOS DO COTIDIANO E VALORIZANDO O CONHECIMENTO DE MUNDO DOS ALUNOS”.

MARINA PAÚRA



As novas professoras - na linha de cima, Márcia Leão, Elizabeth de Souza e Adriana Sampaio; no meio, Carolina Soares, Fabiane Gaute e Renata Monsanto; na linha de baixo, Érica Barrozo e Marina Paúra.

A professora Fabiane Gaute da Silva, que está substituindo Marina na turma 103, revela que o acolhimento, a afetividade e o respeito são os pontos que mais chamam sua atenção no colégio. “Ver que a criança é protagonista do seu conhecimento é um diferencial, além do olhar para a individualidade de cada estudante, fazendo com que o trabalho seja prazeroso e estimulante, e a aprendizagem, significativa para as crianças”, afirma ela, que é formada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e em Educação Especial e Inclusiva.

Regente da turma 203, Adriana Marques Sampaio conta que se interessou pelo ensino infantil ainda na adolescência, quando trabalhava com evangelização de crianças. Formada em Pedagogia desde o ano 2000 pela Universidade Estadual do Ceará, ela entrou este ano no São Vicente, e diz estar adorando o colégio que, em sua opinião, cultiva um ambiente muito humano para todos, respeitando e cuidando de sua comunidade educativa.

Para a professora da turma 202, Elizabeth de Souza, o entrosamento e a disposição para o trabalho da equipe pedagógica são marcas vicentinas que fazem a diferença. Formada em Pedagogia pela UniRio em 2014, ela lembra que seu sonho de lecionar vem da infância. “Desde criança desejei ser professora no Ensino Fundamental. Acho que nunca pensei em trabalhar em outra área que não fosse a da Educação”, conta.

O 3º ano do Ensino Fundamental I também ganhou este ano uma professora nova: Renata Monsanto, que se formou em Pedagogia no ano de 1986, com habilitação em Orientação Educacional e Magistério. Pós-graduada em Docência Superior, ela diz estar gostando muito do São Vicente: “Percebo ser um colégio em que há coerência entre seu discurso e sua prática, mostrando-se humano, democrático e voltado para a formação de um cidadão crítico e comprometido com as questões sociais.”

Por fim, a mais nova professora de inglês do 9º ano, Érica Barrozo, conta que sua vocação para lecionar surgiu ainda no antigo primário, quando se apaixonou pelas aulas de inglês de uma freira franciscana. Onze anos depois, era ela quem assumia o posto de sua querida professora, na mesma escola. Graduada em Letras Português-Inglês pela UERJ em 2001, Érica diz estar se sentindo bem acolhida e feliz de poder superar junto à equipe os desafios pedagógicos deste tempo tão diferente que estamos vivendo.

Sejam todas muito bem-vindas, mestras!



FOTO EMERSON RIBEIRO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA OTIMIZADA

Novas plataformas vêm aprimorar a experiência vicentina de ensino remoto

Acima, a professora Renata Belo com sua turma do 2ºEF, utilizando a plataforma Cloe. Na página ao lado, o professor André Mucci corrige redações com a plataforma Argumente, uma redação marcada com cores depois de corrigida e a tabela de pontuação

Em meio às dificuldades trazidas pelo ensino remoto, encontrar tecnologias que atendam cada vez melhor às necessidades educacionais se tornou um imperativo. Desde o ano passado, o Colégio São Vicente já vem utilizando com ótimos resultados as plataformas Microsoft Teams, para transmissão das aulas, e Geekie One, que tem como proposta a substituição do impresso, mantendo a autonomia e autoria do professor. Ambas servem bem ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio. Este ano, duas novas plataformas vieram fortalecer ainda mais a educação vicentina a distância: a Cloe, para o primeiro segmento do Ensino Fundamental, e a Argumente, específica para correção de redações no Ensino Médio.

A Coordenadora Acadêmica Adjunta do colégio, Norma Hoffmann, conta que participou intensamente da busca por uma plataforma que atendesse às necessidades educacionais do Ensino Fundamental I. Finalmente, encontraram a Cloe, uma plataforma atualizada em tempo real, que conta com uma série de desafios interativos, atividades criativas e jogos, que trabalham o ensino de maneira predominantemente lúdica para os alunos mais novos.

“Queríamos uma parceria que tornasse o trabalho mais ágil e oferecesse um suporte, mas sem abrir mão da autoria das nossas propostas, que são articuladas através do nosso Projeto Político-Pedagógico. Encontramos isso na Cloe, uma plataforma que não produz o material das aulas, como tantas outras, mas que complementa a produção da escola com uma série de atividades adicionais, tão importantes para este segmento”, relata Norma.

Tanto a Geekie One quanto a Cloe contam com um coordenador específico da empresa responsável pelo colégio, e já fizeram formações sistemáticas para os professores vicentinos. A primeira

plataforma permite um acompanhamento minucioso do desenvolvimento dos alunos por parte das famílias e dos professores, que ficam sabendo com precisão quais as maiores dificuldades de cada um, que exercícios ainda precisam ser feitos e que pontos da matéria necessitam ser aprofundados. Já a segunda oferece aos alunos possibilidades de explorar de maneira divertida uma série de conteúdos para além das aulas, focando sempre no desenvolvimento de competências.

Argumente

Para o Ensino Médio, a grande novidade é uma plataforma exclusiva para produção e correção de redações, a Argumente, que permite uma análise minuciosa por parte dos professores, com marcações de cores diferentes apontando para as diversas competências avaliadas. Adequação ao padrão culto da língua portuguesa, tipologia textual, coesão, coerência e pontuação: cada correção é marcada de um jeito, facilitando a assimilação do conteúdo pelo aluno.

“No ano passado chegamos a experimentar diversas plataformas gratuitas, mas nenhuma oferecia uma correção detalhada como a Argumente. Um diferencial dessa plataforma é que o professor pode gravar um vídeo da tela enquanto corrige, com um áudio comentando os trechos em que o aluno precisa melhorar. Isso é importante porque existem necessidades educacionais variadas, e alguns alunos precisam de um acompanhamento mais de perto para poderem desenvolver seus textos”, explica André Mucci, professor de Redação do 3º ano do Ensino Médio.

Além de André, também utilizam a plataforma as professoras de Redação Vera Bonfim, do 2º ano do EM, e Teresa Assaife, do 1º. Os resultados têm superado as expectativas, e o segundo segmento do EF também está estudando a adoção da plataforma. Ao fim e ao cabo, parece que as novas tecnologias chegaram para ficar, e que as formas de ensino serão cada vez mais transformadas por elas.

“QUERÍAMOS UMA PARCERIA QUE TORNASSE O TRABALHO MAIS ÁGIL E OFERECESSE UM SUPORTE, MAS SEM ABRIR MÃO DA AUTORIA DAS NOSSAS PROPOSTAS”.

NORMA HOFFMANN

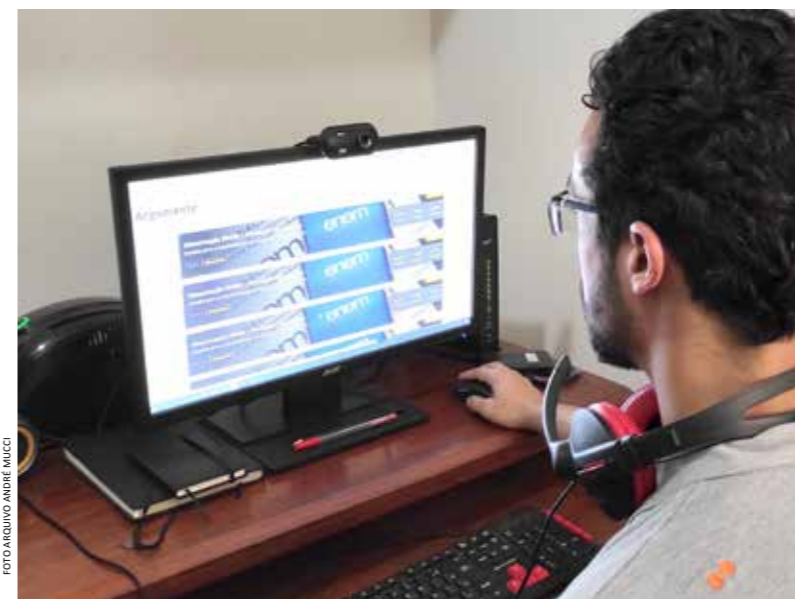
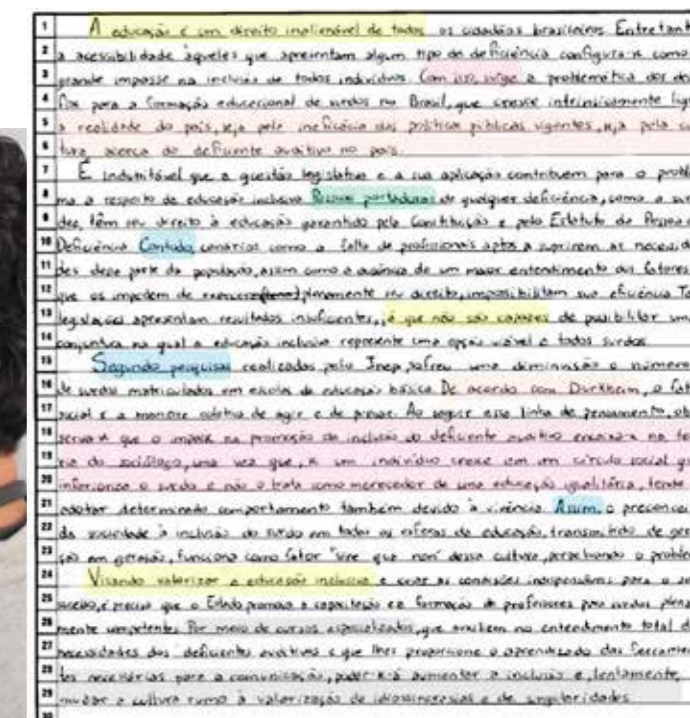


FOTO ARQUIVO ANDRÉ MUCCI



MOBILIZAÇÃO REAL PARA COLETA VIRTUAL

Equipes do São Vicente ficam em 1º e 3º lugares em gincana da Teto

“Ei, você, você mesmo, tá me ouvindo? Então, para, para o que estiver fazendo agora. Você sabia que existem 13 milhões de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza no Brasil no momento, a maioria em comunidades?”. Assim começa o vídeo, em estilo fast-motion, feito por Lia Fortes, aluna do 3º ano EM, e postado no Instagram no dia 4 de abril.

O desenho animado segue mostrando que, durante a pandemia de Covid-19, a falta de água nessas localidades tem impedido a adequação às medidas de proteção ao coronavírus, para em seguida perguntar: “Você conhece a Teto?”. E assim apresentar a ONG criada no Chile e hoje presente em 19 países da América Latina, dentre eles o Brasil.

O vídeo em questão foi uma das muitas peças de divulgação, criadas por alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio, para a campanha de mobilização anual da Teto, com o objetivo de jogar luz sobre a realidade vivida nas favelas mais precárias do país,

engajar a população pela superação da pobreza e arrecadar recursos para a realização dos projetos da ONG.

Dentre esses projetos, o de maior visibilidade é o da construção de casas de emergência, que todo ano engaja um grande contingente de voluntários, a maioria jovens, para literalmente pôr de pé um teto para uma família necessitada. Desde 2018, os alunos do Colégio São Vicente vêm participando ativamente dessas construções, mas com a chegada da Covid, o trabalho in loco com os voluntários precisou ser suspenso.

As carências das comunidades pobres, entretanto, só fizeram aumentar. Uma pesquisa com moradores apontou os projetos de mitigação dos efeitos da pandemia que a Teto deveria apoiar: captação de água da chuva, hortas, lavatórios, refeitórios e sedes comunitárias. Mas como fazer isso sem os recursos tradicionalmente coletados pelos voluntários na campanha anual, com cartazes e cofrinhos pelas ruas?

Gincana on-line

Foi daí que surgiu a ideia de uma gincana on-line para arrecadar a verba

que garantisse a manutenção da ONG e a concretização dos seus projetos nos territórios, mesmo durante o surto de coronavírus. E o São Vicente, claro, não podia ficar fora dessa. Ainda no mês de março, 39 alunos maiores de 16 anos se inscreveram para participar da coleta virtual da campanha 2021 da Teto.

Dois equipes foram formadas: Formigueiro, com alunos do 2º ano, e Amarateto, do 3º. Junto a outros mais de 2.500 voluntários de todo o Brasil, eles precisaram enfrentar desafios diários em tarefas divertidas de engajamento e promoção da campanha, que culminava com a coleta virtual de recursos, entre os dias 5 e 11 de abril.

Com cada um da sua casa, se comunicando através de grupos de WhatsApp, as equipes precisaram eleger nomes e lemas, disputar quizzes, criar Tik-Toks, paródias de músicas e fazer vídeos de divulgação da campanha, que se revertiam em pontos para eleger as equipes vencedoras. O objetivo de todas era atingir as metas: arrecadar, cada uma, R\$ 3 mil, num total de R\$ 42 mil para o Rio de Janeiro e R\$ 300 mil para todo o país.

“Cada dia fazíamos uma publicação, com cada um da equipe contribuindo com o que sabia fazer melhor: eu fazia a letra e cantava a paródia de uma música, enquanto a Manuela Mattar coletava fotos e vídeos e a Lia Fortes fazia a edição, por exemplo”, contou o líder da Amarateto, Paulo de Almeida Magalhães Neto. Na Formigueiro também foi assim. E já no segundo dia da coleta, ambas as equipes bateram a meta e passaram a ajudar as demais na arrecadação.

“É muito gratificante saber que, mesmo durante a pandemia, da minha casa, eu posso trabalhar on-line para divulgar esse trabalho e ajudar a arrecadar recursos que transformam vidas”, disse Manuela Fuss, líder da equipe Formigueiro.

Paulo alega que a formação que recebe na escola o motiva a ser um agente de transformação social. “São Vicente sempre nos ensinou o amor

ao próximo, e esse trabalho da Teto tem tudo a ver com isso. A gente se acostuma a ver pessoas morando na rua como se isso fosse natural, quando não é de jeito nenhum. Nosso trabalho foi não apenas arrecadar dinheiro, mas ajudar a conscientizar as pessoas à nossa volta sobre a realidade de pobreza extrema e da necessidade do engajamento de todos para superar essa mazela”, disse.

Para a orientadora educacional Maria Clara Borges, a coleta virtual foi também uma excelente forma de motivar os alunos, sobretudo porque a maioria das tarefas aconteceu no período de recesso sanitário, quando eles voltaram a ficar direto em casa sem aulas, o que acaba sendo uma fonte de muita ansiedade. “Os alunos puderam se organizar, criar, se mobilizar e se sentir úteis e solidários, o que é tudo de bom”.

E para completar, as duas equipes do colégio saíram vencedoras ao final da gincana. Formigueiro ficou em primeiro lugar e Amarateto em terceiro entre os voluntários do Rio. “Duas equipes de colégio no pódio é coisa linda demais de se ver! Parabéns pela mobilização nas redes, por não desistirem e darem o melhor sempre! Parabéns de verdade! Vocês merecem!”, disse a coordenadora comercial da Teto no Rio, Aryana Eyer.

“SÃO VICENTE SEMPRE NOS ENSINOU O AMOR AO PRÓXIMO, E ESSE TRABALHO DA TETO TEM TUDO A VER COM ISSO.”

PAULO MAGALHÃES NETO



Ao lado, quadros do desenho animado, esquete de Lia Fortes em vídeo e postagem de divulgação para a campanha da Teto no Instagram #amarateto, do 3º EM. Na página ao lado, Manuela Fuss e peças da campanha da equipe Formigueiro, do 2º EM, vencedora da gincana





FOTOS ARQUIVO RODRIGO CARVALHO

“LEMBRO SEMPRE DA FALA DO BETINHO, NO AUDITÓRIO DO SÃO VICENTE, QUANDO ESTAVA CRIANDO O COMITÊ GRAÚNA - ‘QUEM TEM FOME TEM PRESSA’, ELE DIZIA.”

RODRIGO CARVALHO

QUANDO A URGÊNCIA DE MUDAR A REALIDADE FALA MAIS ALTO

Ex-aluno (e agora professor) do Colégio, Rodrigo Carvalho fomenta negócios inovadores, sobretudo em periferias, visando impacto nas comunidades

“**E**m muitas das decisões estruturantes que tomei na vida, houve contribuição decisiva por ter sido estudante do São Vicente”, afirma o transformador social Rodrigo Carvalho. Mestre e Doutor em Engenharia de Produção, economista e geógrafo de formação, ele teve sua educação básica no CSVP entre 1985 e 1995 – seu único colégio. Desde 2005, trabalha fomentando modelos de negócios inovadores, baseados na criatividade e na cultura, notadamente das periferias, com intencionalidade clara de impacto positivo na comunidade local e, mais recentemente, com foco em práticas ambientais.

No início de sua carreira, ainda como estudante de Economia da UFRJ, ele chegou a estagiar na Telemar, mas logo percebeu que a vida corporativa tradicional não seria sua escolha. A partir de uma disciplina eletiva sobre Economia da Tecnologia, na qual se discutia inovação, desigualdade e a inserção do Brasil no mercado internacional, ele começou a se interessar pelo tema. Pouco depois, surgiu uma oportunidade de estágio numa consultoria da área.

“Cheguei lá, e era uma salinha pequena em Ipanema, e esse grupo de economistas estava envolvido no planejamento e na criação da Ingresso.com. Era uma modelagem de pequenos negócios de tecnologia nacional, e aquilo fez muito mais sentido para mim. Fui para esse novo estágio e foi lá que comecei meu caminho profissional”, conta Rodrigo. Acabou efetivado e ficou cinco anos na empresa, tocando dezenas de projetos vinculados à ideia de contribuir para uma maior competitividade da estrutura produtiva brasileira no mundo, com empregos de melhor qualidade. Nesse tempo, ele também teve a oportunidade de fazer um MBA em Gestão da Inovação, na Coppe/UFRJ, e um intercâmbio em Lisboa.

Mudanças de rumo

O ano de 2005 foi marcado por mudanças. Junto com um amigo, Rodrigo decidiu criar uma empresa – a Hélice Consultoria – também na área de modelagem de negócios tecnológicos, mas com atuação em territórios específicos: inovações sociais nas periferias que trabalhassem o potencial criativo e cultural do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, fez vestibular para cursar Geografia na Universidade

Rodrigo com o renomado geógrafo David Harvey, e numa apresentação em congresso internacional

Federal Fluminense (UFF) e se inscreveu no Mestrado em Engenharia de Produção da UFRJ. Daí em diante, colaborou com muitas *startups* criadas nas incubadoras de empresas da UFRJ, da PUC-Rio e do Porto Digital, no Recife. Também participou de projetos de desenvolvimento territorial, de alguns nos eixos dos setores do audiovisual e da cadeia produtiva da música – esses em parceria com o Sebrae/RJ.

“A gente queria sair do modelo de ajudar a criar negócios só para uma maioria de homens brancos, de classe média, oriundos de boas escolas particulares e que acessavam as universidades públicas, como eu. Lembro sempre da fala do Betinho, no auditório do São Vicente, quando estava criando o Comitê Graúna – ‘quem tem fome tem pressa’, ele dizia. A gente sentiu essa urgência de mudar a realidade”, contou Rodrigo.

Em 2011, com o mestrado concluído e já criando seu primeiro filho, Miguel Carvalho (atualmente no 4º ano do CSVP), Rodrigo começou a trabalhar para a ESPM como professor e coordenador do núcleo de Economia Criativa da universidade, ajudando a criar as disciplinas de Empreendedorismo e Inovação. No ano seguinte, ingressou no doutorado em Gestão e Inovação pela Coppe/UFRJ e teve seu segundo filho, Tomás Carvalho (hoje aluno do 3º ano do Colégio). De 2013 em diante, foi focando cada vez mais na área da economia criativa, da inovação social e do empreendedorismo nas periferias. Desenvolveu projetos com a Fundação Gol de Letra, que contribui para a educação de crianças e jovens de comunidades populares, com o Grupo Cultural AfroReggae, o Ciclo Orgânico, o Insolar (um negócio social que promove a democratização do acesso à energia solar no Brasil), o Favelagrafia, o Poeme-se, a Feira Preta, a GatoMídia, A Banca, o Projeto RUAS e muitas outras iniciativas.

Impacto socioambiental

De 2018 pra cá, passou a usar outra marca em sua empresa – Burity Consultoria –, com o mesmo CNPJ, se dedicando exclusivamente ao desenvolvimento do empreendedorismo de impacto socioambiental.

Nesses últimos anos, vem trabalhando com produtoras de audiovisual do Nordeste que direcionam a sua produção de conteúdo e narrativas a causas sociais, e com clientes como o MEMOH, que oferece a homens a possibilidade de pensarem sobre seu comportamento por meio de Grupos Reflexivos. Outros clientes de destaque são: a Gelados da Tribo, que produz sorvetes 100% à base de plantas orgânicas; o Ponto Cine Guadalupe, a primeira sala popular de cinema digital do Brasil, com Certificado de Compensação de Carbono e programação exclusivamente dedicada aos filmes nacionais; a plataforma de sustentabilidade social independente Nosso Legado, que atua através da criação de conteúdo audiovisual com teor direcionado à redução das desigualdades; e a plataforma de educação alimentar Comida é Afeto, que incentiva a construção de hábitos mais saudáveis.

Rodrigo diz acreditar que, como nação, ainda temos um longo caminho para o desenvolvimento impulsionado por inovações tecnológicas criadas no Brasil. Mas o fato de o tema estar sendo pensado por cada vez mais jovens já é motivo para esperança.

E, como o bom filho à casa torna, desde o ano passado, ele trabalha no Colégio São Vicente de Paulo na coordenação do Projeto Agências, do 9º ano, e passou também a lecionar na disciplina de Empreendedorismo Social. “Foi um sonho, pois realmente as turmas do CSVP carregam esse impulso de buscar a ação que promova transformação social.”



CELEBRAÇÃO ON-LINE

Desta vez, por conta das questões de biossegurança impostas pela pandemia, não tivemos os tradicionais bolos e lanches festivos que sempre celebraram os aniversários do Colégio São Vicente. Mas os 62 anos desta escola tão viva no coração de todos que passam por ela não ficaram esquecidos. Para comemorar o dia 30 de março, data em que o CSVP foi fundado, a comunidade vicentina produziu um vídeo com depoimentos de educadores, alunos, ex-alunos e pais falando sobre o colégio e o que ele representa em suas vidas. O vídeo, feito com imagens do acervo da escola e retratando atividades ocorridas antes do surto de Covid-19 chegar ao Brasil, pode ser visto nas redes sociais do São Vicente. Vale conferir!



REFORÇO NA ENFERMAGEM

A equipe de enfermagem do São Vicente tem uma nova técnica – Maria Amélia Ribeiro Lima. Ela veio se somar ao time já integrado pelas educadoras da área de saúde do colégio, Rita de Cássia Ribeiro de Campos e Kisse Cristine Bernardes Silva, revezando-se no atendimento da enfermaria, aberta diariamente das 7h às 19h. Durante a pandemia, o CSVP adaptou seu espaço físico às novas necessidades de segurança em saúde, sob orientação da Reanime-Rio e da URMES (Urgências Médico Escolares). A antiga Sala de Exposições, no térreo do prédio principal, foi transformada em Espaço de Acolhimento para a recepção e o encaminhamento de alunos e educadores com suspeita de infecção pelo novo coronavírus. A enfermagem do colégio está preparada para o devido acompanhamento dos casos e para as providências necessárias.



PORTA-MÁSCARAS

Antes de passar o bastão para a nova diretoria da APM, a antiga direção produziu um brinde de despedida, distribuído aos alunos pela equipe de disciplina. Trata-se de um porta-máscaras de dupla face, para acondicionar máscaras limpas e usadas, de forma higiênica e segura. “Exercitando a virtude do zelo, a Associação de Pais e Mestres pensou nesse brinde especial para cada estudante do CSVP, para que possa colocar em prática o cuidado consigo mesmo e com o outro. Sempre usar máscara, de modo correto, é a melhor maneira de proteção, não só individualmente, mas, também, para a segurança de amigos, professores e de toda a comunidade. #VaiPassar”, dizia a mensagem deixada pela Diretoria da Associação de Pais e Mestres – Chapa São Viça - 2019/2021.



COMUNICAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

De um ano para cá, novos hábitos precisaram ser incorporados ao cotidiano de todos para a proteção contra a Covid-19, entre eles, o uso de máscaras, a higienização de mãos e materiais e o distanciamento físico. Conscientizar sobre a importância dessa nova cultura e da vacinação em massa, ouvindo as necessidades e respeitando os diferentes modos de vida da população representam um enorme desafio. Foi sobre isso que falaram Simone Kropf, do Departamento de Pesquisa em História das Ciências, e Elisa Andries, da Coordenação de Comunicação Social, ambas da Fiocruz, no debate *Olhando para si e para o outro – desafios de uma campanha*, promovido pelo Ensino Médio, em 5 de maio. Simone falou da história das vacinas desde seus primórdios até os dias atuais, enquanto Elisa destacou que não existe efetividade em saúde pública sem campanhas de conscientização da população. Mas ressaltou: “comunicação se faz ouvindo”. Ficou a mensagem para o maior engajamento de toda comunidade escolar na manutenção das medidas de proteção, na luta contra o negacionismo e no fortalecimento de nossa humanidade, com empatia e solidariedade. “Precisamos nos acolher e lutar, transformar nosso sofrimento em energia para resistir”, disse Simone Kropf. Lembrando o ator Paulo Gustavo, falecido na véspera, Pe. Agnaldo destacou que o amor, como pregado por São Vicente, precisa ser demonstrado com afeto e ação.



A revolta da vacina - 1904

VACINA CONTRA A FEBRE AMARELA (1937)

VACINAÇÃO CONTRA A VARIOLA
Década de 1960/70

VACINAÇÃO CONTRA A POLIOMIELITE (1980)

VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19

SE LIGA NO CORONAVÍRUS - JÁ NÃO ACABOU

VAI SAIR? LEVE MAIS DE UMA MÁSCARA PARA GARANTIR A HIGIENE.

ERRADICAÇÃO DA POLIOMIELITE INFANTIL

INSTITUTO BUTANTAN - A serviço da vida

Algumas imagens da história da vacina no Brasil: charges da revolta da vacina e da morte na gripe espanhola, slides da apresentação das campanhas contra febre amarela, varíola, pólio e covid-19; o helicóptero levando imunizantes para lugares distantes e de difícil acesso no Brasil; e, ao lado, a campanha atual pelo uso de máscara contra o coronavírus

ABORDANDO O FUTURO SEM ESQUECER DO PRESENTE

“**E**stá surgindo uma consciência de humanização. Temos que superar essa dimensão de ódio e de guerra, que nunca ocorreu na História do Brasil”. Com essa declaração, o teólogo Leonardo Boff encerrou sua participação na segunda edição da série “Como será o amanhã?”, realizada pelo Colégio São Vicente de Paulo, após fazer uma série de análises que mostram que o atual momento em que se vive, com pandemia, crise econômica e discursos de ódio, podem dar espaço para um novo tempo em que a fraternidade e a alteridade sejam mais valorizadas.

O depoimento de Boff, junto com todos os outros participantes que contribuíram em quatro edições virtuais do evento, mostra a necessidade da pausa, da escuta e da alteridade. Em tempo pandêmico, em que nos isolamos e paramos de nos ver, esses exercícios fundamentais para a natureza humana foram negligenciados, e as consequências negativas começaram a aparecer no que alguns teóricos afirmam ser a quarta onda da pandemia: a da saúde mental.

Discutir os diversos temas que atravessam o momento que vivemos, com especialistas e dentro de uma escola, mostra a vocação vicentina e o fundamental papel educacional que existe e vai além do excelente trabalho desenvolvido nas salas de aulas, agora, virtuais. A sensação de quem assistia aos encontros, que teve a honra de mediar, é de que saímos deles tendo novas perguntas a partir da análise dos convidados e, na próxima roda, novas respostas levavam a novas indagações. Esse valor do São Vicente, de ser uma comunidade aprendiz, é fundamental em tempos tão incertos, de verdades provisórias e com um contingente de propagadores de mentiras.

A própria pergunta de “Como será o amanhã?” foi decodificada ao longo dos encontros para que possamos entender que o futuro só se faz com atitudes do presente. Passados meses da última edição, o amanhã já chegou e ainda se demonstra desafiador. A espera de um 2021 mais ameno foi ilusória, e vivemos uma nova onda da Covid-19 mais letal que a anterior.

O compasso de espera da vacina evidencia uma esperança que também traz uma questão tratada durante nossas lives que é a defesa da ciência. Para que a vacina tenha impacto é necessário que a maioria da sociedade a tome. Se não ocorrer um esforço coletivo, os próprios indivíduos podem ficar expostos. Nesse sentido, vimos durante as rodas de conversa o quanto a ciência perpassa diferentes áreas, a necessidade de uma ampla e frequente destinação de recursos e que a melhoria das diversas facetas da condição humana é o objetivo central dela.

Por isso, é necessário combater o negacionismo com ciência, o ódio com o bom exemplo, o individualismo com o coletivo. Todas essas ações aconteceram durante esses encontros e servem de norteador para darmos os nossos próximos passos para a construção de um novo amanhã.

Raphael Kapa*

*Professor de história do Ensino Médio, foi o mediador das rodas de conversa “Como será o amanhã?”, realizadas em 2020

“ESSE VALOR DO SÃO VICENTE, DE SER UMA COMUNIDADE APRENDIZ, É FUNDAMENTAL EM TEMPOS TÃO INCERTOS, DE VERDADES PROVISÓRIAS E COM UM CONTINGENTE DE PROPAGADORES DE MENTIRAS.”

RAPHAEL KAPA

Idéias e questionamentos, reflexões sobre os problemas que sentíamos e sugestões objetivas para possíveis soluções – foi o que desde o início de nossa gestão procuramos levar à diretoria e a toda a comunidade do Colégio São Vicente de Paulo.

Algumas propostas, não conseguimos levar adiante. Foi o caso de uma sugestão nossa para que fosse mantida, todos os meses, a doação mensal de alimentos para o Projeto Graúna. Outras, tivemos de esperar um bom tempo para viabilizar, como a reforma, modernização e ampliação das bibliotecas: só depois de dois anos tivemos verba suficiente para o projeto.

Enfim, como em tudo na vida, estar à frente da APM foi um período de alegrias, sofrimentos, idéias, inquietações, convivência, diálogo, conflitos, sonhos realizados e decepções.

Nestas páginas, um pequeno balanço. Os trabalhos que conseguimos implementar, temos certeza, mudaram de alguma forma o Colégio São Vicente de Paulo. Temos consciência de que muito foi feito e muito ainda há por fazer. Desejamos que a próxima administração consiga realizar seus projetos, sempre ajudando o CSVP na sua caminhada

2 • a chama

1995
1998

A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 23 ANOS

Criada no ano seguinte à fundação do São Vicente, a Associação de Pais e Mestres tem uma longa folha corrida de valiosos serviços prestados ao colégio. Em dezembro de 1998, o número 57 d’A Chama – uma edição especial dos 25 anos de publicação da revista (ela mesma, aliás, uma realização da APM) – traz uma matéria de balanço dos quatro anos da diretoria de então à frente da Associação.

O relato das ideias postas em prática dão a medida da importância do papel da APM na vida do CSVP: o projeto Face a Face, para o enfrentamento da questão das drogas entre os estudantes; a nova entrada de alunos, que permitiu maior controle no acesso à escola; a reforma e ampliação das bibliotecas; a instalação do ar-condicionado central; as atividades culturais e os encontros com os pais são algumas dessas conquistas.

“...Estar à frente da APM foi um período de alegrias, sofrimentos, idéias, inquietações, convivência, diálogo, conflitos, sonhos realizados e decepções”, diz o texto de abertura da matéria, que termina por desejar que a administração seguinte consiga realizar seus projetos, sempre ajudando o CSVP na sua caminhada. Assim como há 23 anos, os votos para a nova diretoria seguem atuais.

no me... do 2º grau, Cristina Caldas, foi realizado um trabalho junto aos vestibulandos, para enfrentarem as provas do vestibular mais relaxados (porém não relaxados demais...).

Atividades culturais e festivas

A APM também participou ativamente de atividades extracurriculares, como as olimpíadas anuais, os teatros, o coral, as festas juninas, etc. Em várias ocasiões pudemos apoiar financeiramente as produções culturais dos alunos, especialmente o coral e os grupos de teatro.

Instalações

Certos de que a APM é uma associação que lida com idéias e questões, podendo se reunir em qualquer espa-

OS
APM

por duas vezes das instalações que nos colégio: a primeira vez para instalação de informática (o existente funcionava), absolutamente necessário para a ampliação da biblioteca dos reuniões atuais são feitas na bibliote-

Com pais

ções mensais com a direção do CSVP, ação dos interessados, iniciamos em encontros com os pais. Infelizmente, falta de tempo durante o ano de não deu continuidade a esses contatos que gostaríamos. Adquirida com esses encontros foi a oportunidade para a próxima diretoria de buscar formas de reativação e sentido de promover maior participação de alunos do Colégio.

a anuidade

fez de perto os cálculos para a anuidade. Mantivemos com a direção do Colégio uma gestão democrática, examinando minuciosamente os recursos utilizados, para manter os aumentos razoáveis.

Atividades curriculares e extracurriculares

Como “sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de natureza educacional e cultural”, a APM mantém um diálogo constante com a direção e todo o corpo docente do CSVP, discutindo questões pedagógicas.

Coerente com a linha educacional seguida pelo Colégio São Vicente de Paulo, a APM vem se posicionando favoravelmente ao apoio de atividades extracurriculares.

Nessa linha de atuação, estamos colaborando com a instalação de recursos tecnológicos de apoio pedagógico, inclusive equipamentos de som e iluminação para o auditório.

